

Uma leitura da protagonista Evita-Eva Lopo em A costa dos murmúrios, de Lídia Jorge

Talia Cristiane Elias Brito¹

(Universidade do Estado do Rio Grande do Norte)

1 INTRODUÇÃO

A literatura portuguesa contemporânea carrega em seus escritos uma infinidade de temáticas que se destacam até aos dias atuais, o que significa afirma que os conteúdos existentes nos textos literários são atemporais, perpassando todo e qualquer universo social. Dessa maneira, passamos a lidar com uma nova forma de realizar e escrever literatura. Nesse sentido, temos um mundo literário repleto de situações reais, que ganham veemência através da ficção de autores renomados na contemporaneidade, como por exemplo a escritora portuguesa Lídia Jorge. Analisar estes constituintes não se trata de algo que se conseguiu expor com facilidade, uma vez que por muito tempo existe a tentativa de silenciar o pesquisador.

Lídia Jorge publicou uma infinidade de obras, desde poemas, contos até aos romances, como *O dia dos prodígios* (1980); *O caos das merendas* (1982) e *Notícias da cidade silvestre* (1984), foram essas que proporcionaram a autora o *Prêmio Literário Cidade de Lisboa*. No entanto, foi *A costa dos murmúrios* (1988), *corpus* deste trabalho, que a destacou no universo literário português; este romance é dividido em duas partes, a primeira intitulada por *Os gafanhotos*, espaço que decorre o casamento de Evita e Luís Alex, em que percebemos um momento mágico e fantasioso, onde os acontecimentos obscuros são deixados de lado; na segunda, é quando as idealizações vão se desfazendo e a convivência entre as personagens Evita e Luís começa a ser conflituosa.

Diante disso, o trabalho foi desenvolvido seguindo um objetivo principal: analisar a personagem Evita/Eva Lopo perante sua relação matrimonial com o alferes Luís Alex, do romance *A costa dos murmúrios* (2004); de forma específica investigar a maneira que

¹ Mestranda em Texto Literário Crítica e Cultura pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail para contato: taliacristianeeliasbrito@gmail.com.

Evita/Eva Lopo se posiciona diante do esposo Luís Alex; e entender como acontece a construção do relacionamento amoroso entre as duas personagens. Para tanto, fundamentamos nossas análises nas teorias de Federici em *O calibã e a bruxa* (2017); Cova e Pinto em *O salazarismo e as mulheres* (1997); Giddens em *A transformação da intimidade* (1993); e Mary Del Priore em *O príncipe maldito* (2007). Todos os teóricos discorrem acerca da condição feminina frente as suas relações amorosas/dentro do casamento, entre outras vertentes que fazem parte dos nossos objetivos.

Isto posto, é relevante salientar que as análises trazidas ao decorrer do artigo se trata de uma pesquisa de Dissertação que está sendo desenvolvida pela Mestranda Talia Cristiane Elias Brito juntamente com a Orientadora Maria Aparecida da Costa no Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

2 A RELAÇÃO AMOROSA DE EVITA E LUÍS ALEX

Evita já traz em seu nome um som que soa como algo angelical e indefeso, refletindo a sensibilidade, a sutileza e a meiguice, características que, realmente, representam a personalidade que possui nas primeiras cenas do romance *A costa dos murmúrios*. Além disso, esses adereços que possivelmente se atribuem à personagem vêm caracterizar, notoriamente, o que a sociedade patriarcal espera das mulheres e lhes impõe.

Assim, observamos que, nos primeiros momentos que demarcam o enredo, Evita age conforme sua conduta, até então, de pureza, submissão e obediência ao marido. A personagem vive dias mágicos e fantasiosos ao lado de Luís, sobretudo, nas cenas da cerimônia do casamento no terraço do hotel *Stella Maris*:

Pressuroso, o fotógrafo pediu que o noivo tomasse a noiva nos seus braços e à levantasse altura do peito [...]. Era majestoso. Ela obedeceu – encostou a cabeça ao ombro do noivo, e o noivo olhou ternamente para o rosto dela [...]. Aquele era o momento cheio de encanto (JORGE, 2004, p. 7-8).

Diante do fragmento, é notório que os adjetivos atribuídos às cenas dos noivos podem assemelhar-se aos que a sociedade atribui ao casamento, como um momento mágico na vida da mulher, idealizando esse acontecimento sob uma única perspectiva, aquela que proporciona apenas uma atmosfera positiva e cativante à vida do sujeito, tornando-o alguém melhor. Percebemos que a forma como Evita e Luís se comportam na

cena corrobora com a sustentação dos aspectos dispostos para ambos enquanto portadores de gêneros distintos.

Percebemos que Evita se apresenta como uma figura que enxerga e vive o momento do casamento como uma situação única em sua vida, por isso as cenas do casório são colocadas de maneira tão idealizada e mágica para a personagem. Dessa forma, Evita, por um momento, apresenta esse evento como um acontecimento sublime às mulheres que ainda o idealizam, visto que a protagonista toma e exerce um lugar que por muito tempo era ordenado à mulher: sempre ao lado do companheiro que fora escolhido para ser seu marido.

Podemos refletir, então, acerca das mulheres que crescem e são regidas pelo sistema patriarcal, especificamente, pela sociedade portuguesa no período do Estado Novo. À luz de Cova e Pinto (1997, p. 72), em *O salazarismo e as mulheres*, as figuras femininas eram firmadas "na ideia tradicional de que as mulheres se situam do lado da natureza e os homens, implicitamente, ao lado da cultura, [...] mantendo-se fiel às mensagens inalteravelmente repetidas pela Igreja Católica". As igrejas sustentavam essas questões, pois, em seus púlpitos, sempre colocavam as mulheres em um lugar de agradar, de ser amável e submissa ao marido, respeitando e promovendo um lugar de harmonia: "As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido; porque o marido é a cabeça da mulher" (BÍBLIA, Efésios, 5: 22-23).

Diante disso, compreendemos que, culturalmente, a mulher passa a ser considerada inferior ao homem a partir dos dizeres bíblicos. Podemos afirmar que a cultura cristã, que tanto busca "pregar o amor", acaba caindo em um precipício quando cria hierarquias desiguais. Ao afirmar que o homem é a cabeça da mulher, inferimos que já existe a concepção de que o homem é portador da liderança e do domínio.

Nessa direção, em *A costa dos murmúrios*, há, possivelmente, uma crítica do narrador a esse acontecimento da vida da mulher, visto que sabemos que o matrimônio não se trata de algo almejado e de uma escolha de todas as figuras femininas, sobretudo na contemporaneidade. Notamos que, mesmo o matrimônio sendo algo conceituado de forma idealizada, principalmente, pela cultura cristã, este oportuniza, na maioria das vezes, sensações subalternas na mulher, menosprezando e esquecendo a importância desta no meio social, sendo pensada apenas como um objeto que deve estar presente unicamente para contribuir com a vida do lar, bem como com a moral social do homem.

Assim, conseguimos refletir sobre a conjuntura em que as personagens estão inseridas, na qual o casamento não se trata de uma escolha entre as personagens, mas está

relacionado à tríade ideológica do patriarcalismo, prezando pelos interesses da pátria, pelos princípios cristãos e pela construção da família, como um caminho para ordenar a sociedade. Posto isso, entendemos que, devido às personagens Evita e Luís fazerem parte desse sistema político, a união não diz respeito a algo que se deu por haver sentimento entre o par, mas pelo fato de ser uma das regras para o homem entrar oficialmente na tropa portuguesa e se tornar alferes. Para a mulher, por sua vez, o casamento fazia parte de seu destino. Diante disso, “[...] o local que Evita, docemente empurrada pelo noivo, deveria ocupar, não era ao centro” (JORGE, 2004, p. 8). Portanto, sabemos que o centro de um contexto é uma posição de prioridade, de atenção, e não seria essa a postura que a personagem, enquanto mulher em conjuntura patriarcal, passaria a ter. Entretanto, era uma situação ainda não compreendida pela protagonista, justamente pela sua ingenuidade.

Em *A transformação da intimidade*, Giddens (1993, p. 10) discorre acerca da posição da mulher em uma sociedade patriarcal, pois fala sobre o casamento como um relacionamento que ajudou a colocar a figura feminina em "seu lugar – o lar". De acordo com a abordagem do crítico, compreendemos que a relação, enquanto casamento, não se refere a uma união sentimental, mas é muito mais truncada em questões políticas, que surgem como forma de reger a vida do sujeito. Nessa perspectiva, entendemos que Evita chega em África apenas para institucionalizar inconscientemente sua condição perante a sociedade e entregar veementemente o poder e a posição que o alferes almejava receber: a moral social e o *status* diante dos demais soldados, como também da cultura portuguesa.

A formação do casamento acontece dessa forma porque as personagens se situavam em um contexto patriarcal. Nesse cenário, as bases cristãs sustentavam as ideologias. Teoricamente e socialmente, o casamento é algo que se forma tendo um único intuito, de acordo com os dogmas e com as tradições culturais dessa conjuntura: "mas, por causa da prostituição, tenha cada homem a sua mulher e cada mulher seu próprio marido" (BÍBLIA, 1 Coríntios, 7:2); "se não conseguem controlar-se, devem casar-se, pois é melhor casar-se do que ficar ardendo de desejo" (BÍBLIA, 1 Coríntios, 7:9). Assim, observamos que o termo "controlar-se" está sendo atribuído às práticas sexuais fora do casamento. Compreendemos, portanto, que o casamento se torna uma união que acontece somente como uma saída para que a mulher e o homem não vivam em pecado aos olhos da sociedade e aos olhos de deus. Por meio do segundo versículo, percebemos que o sexo fora do casamento é algo abominado e imoral.

Dessa maneira, as estruturas do patriarcado se estabeleciam mediante a concepção de que “as funções que decorriam do casamento se realizavam por instinto. A perpetuação da espécie, a continuação da linhagem, operada pelo matrimônio, a constituição da família eram, enfim, o único objetivo” (PRIORE, 2007, p. 23). Assim sendo, compreendemos que o casamento surge como uma forma de organizar a sociedade, proporcionando a continuidade do ser humano por meio da procriação, ou seja, mediante a maternidade direcionada à figura feminina e que só pode se concretizar por meio do matrimônio.

No entanto, em *A costa dos murmúrios*, as personagens Evita e Luís não seguiram essa concepção sobre o casamento. Enxergamos isso quando estão no final da cerimônia, em que

Os noivos, conduzidos pelo fotógrafo, só agora reparavam que havia ao lado dos ananases uma salva com um envelope, e para cima deste envelope, o capitão atirou de longe um molho de chaves. Devia ser perfeito em basquete porque as chaves atingiram o meio do envelope. O cortejo percebeu que era o empréstimo do descapotável branco que ia naquele molho de chaves e aplaudiu de novo, dizendo coisas pícaras de orelha a orelha. O noivo compreendeu completamente [...]. “Achas que os enganámos?” – perguntou Evita no elevador que descia como uma flecha. “Perfeitamente” – disse o noivo, já no descapotável. “Ficaram a pensar que nos vamos deitar um com o outro pela primeira vez. Grandes pensadores!” – O descapotável partiu com um ronco (JORGE, 2004, p. 12-13).

Diante do fragmento, percebemos que o erotismo é atribuído ao momento de intimidade das personagens, considerado como o primeiro contato sexual dos noivos, que deveria ocorrer logo após a realização da cerimônia de casamento. Porém, o relacionamento das personagens não é um casamento puro tal como é ditado pela cultura patriarcal cristã, aquela relacionada ao ato sexual tão somente dentro do matrimônio. Nota-se isso por meio da revelação de Evita e Luís, quando afirmam que não se trata da primeira noite de sexo das personagens, o que corrobora com a concepção de que, embora estivessem e fizessem parte de determinada estrutura política, não eram totalmente regidos e guiados pelas ideologias desse sistema.

No trecho, o que mais se destaca é a postura e a conduta da personagem feminina, uma vez que, socialmente, o homem já era provedor da liberdade sexual antes do casamento. Já Evita rompe com os moldes que lhe foram direcionados enquanto mulher. Então, compreendemos que, se, nos primeiros parágrafos do romance, Evita era formada pela imaturidade, nessa passagem, especificamente, a protagonista se mostra de uma forma mais astuta quando falamos sobre sua vida sexual, pois não era mais virgem, algo

que é ditado pelas sociedades patriarcais. A personagem foge, conseqüentemente, das estruturas tradicionais relativas à mulher.

A respeito das relações sexuais prévias no casamento, Giddens (1993, p. 21) afirma que

A maior parte das pessoas, homens e mulheres, chega atualmente ao casamento trazendo com elas uma reserva substancial de experiência e conhecimento sexual [...]. Os casais recém-casados de hoje são em sua maioria experientes sexualmente, e não há período de aprendizado sexual nos primeiros estágios do casamento, mesmo quando os indivíduos envolvidos não viveram um com outro previamente.

Observamos que o teórico tece uma crítica aos sistemas e às estruturas sociais que versam sobre apenas o homem ser portador das práticas sexuais, enquanto a mulher deveria conservar sua virgindade ou, do contrário, seria reprimida e considerada impura. Compreendemos que as práticas sexuais antes do casamento devem ser vistas com normalidade e não podem limitar a figura feminina a um lugar subjugado caso não seja mais virgem, uma vez que, assim como qualquer e todo ser humano, as mulheres também sentem prazer sexual e buscam consumá-lo, independentemente do lugar em que se encontram. Dessa maneira, Giddens (1993) ressalta a importância de encarar o sexo como um ato de liberdade, tanto para os homens como para as mulheres.

Dito isso, destacamos que Evita já começa a se revelar como uma mulher que realmente abdica das ideologias pensadas e postas sobre o feminino. Enxergamos que o casamento entre Luís e Evita não se tratava de um entrecruzamento para se ter, praticar e consumir o desejo sexual, visto que essa prática já ocorria fora do matrimônio. Percebemos que Lídia Jorge constrói uma personagem feminina que não precisa seguir as ordens estúpidas da conjuntura na qual se insere para ter o que deseja, pois a protagonista casa não visando o sexo, haja vista se tratar de uma prática que já perpassava seu cotidiano. Podemos dizer que o casamento se constrói, *a priori*, pelo viés sentimental, mas que vai se desfazendo com a convivência ao lado de Luís: “[...] era admirável tudo o que tinha acontecido naquele terraço, mas nada terminava ali. Tudo estava por começar como quando a tempestade inicia o primeiro sopro” (JORGE, 2004, p. 13). Nesse sentido, a tempestade estará para os conflitos que passaram a existir entre as personagens Evita e Luís.

No romance *A costa dos murmúrios*, notamos que a protagonista Evita vai se tornando mais consciente das questões políticas que perpassam o contexto em que vive, sobretudo, dentro do casamento. Essa conscientização, os conflitos, os impasses, a

transgressão e as transformações existenciais no cotidiano de Evita ganham mais força por meio de sua intimidade com Helena, esposa do capitão, bem como por meio de um olhar atento aos acontecimentos em espaço moçambicano, às mortes, à opressão e à violência ao corpo negro, conceituado, muitas vezes, como sem inteligência e selvagem. Essas passagens podem ser destacadas nas cenas que se referem à movimentação que acontece abaixo do terraço, local em que se encontra a praia moçambicana, em que as ondas traziam cadáveres de corpos negros:

"Está toda a gente no terraço!" - disse uma das mulheres em robe. [...] Os noivos também vestiram robes leves, e muito enlaçados, subiram ao terraço. **"O que será?" - perguntou o noivo. "Seja o que for, esta é uma noite secreta e memorável".** [...] **Não era para a barra que estavam a olhar e sim para o Chiveve, o braço de mar que ali defronte fazia uma profunda poça, para onde, durante a noite, a água tinha arrastado corpos de gente afogada.** [...] **Dois grandes dumpers de lixo tinham vindo, antes de o Sol nascer, varrer a tragédia da vista da cidade.** [...] Mas ainda só se trabalhava com suposições, porque a razão verdadeira essa ainda ninguém sabia. **"Deviam tê-los deixados expostos e apodrecidos à luz do dia [...]"** – disse um paraquedista (JORGE, 2004, p. 17-20, grifos nossos).

As passagens destacadas refletem o modo como os colonizadores portugueses se comportavam perante as vidas que eram subalternizadas naquele espaço. É importante destacar que a morte nessa cena era um fenômeno sem explicação até aquele momento, ou seja, não se sabia o que e quem estava por trás. Porém, é a maneira como as pessoas se referem aos corpos que chamava a atenção da personagem Evita. São pessoas que não são bem-vistas diante dos portugueses. O fato de transportarem esses mortos em carros de lixo eleva a insignificância do corpo negro para aquele grupo da tropa. Ademais, essas mortes não aconteciam naturalmente, mas estavam ligadas ao ato de assassinato por envenenamento mediante álcool metílico, algo descoberto por Evita quando estava na praia moçambicana e encontrou um saco com várias garrafas. Nesse caso, vê-se “como o conhecimento tinha dado origem à frieza” (JORGE, 2004, p. 24).

Ao passar a entender o que de fato está por trás dos cadáveres, a protagonista começa a enxergar o que realmente os portugueses faziam naquele país. Evita também passa a conviver diariamente com questões relacionadas à subjugação, ao machismo e à dominação da figura feminina, como nas cenas em que a mulher do capitão, Helena, atrai os homens e as mulheres presentes na cerimônia de casamento:

A mulher mais linda do terraço concitava a vista dos homens sem mulher, que também os havia [...]. Mas naturalmente que Helena [...]

tinha de concitar o olhar. Naturalmente que o capitão reparou nos olhares [...]. Naturalmente o capitão esbofeteou a mulher [...]. “Tens inveja?” – perguntou Evita (JORGE, 2004, p. 29-30).

No fragmento, vemos refletida, principalmente, a agressão ao corpo feminino sendo posta como normalidade naquele contexto. Contudo, esse ato é sentido de maneira estranha por Evita, o que gera o primeiro questionamento ao noivo. Evita ficou perante um acontecimento que despertou em seu íntimo incertezas sobre os sentimentos do alferes, visto que este ficou a observar atentamente a violência do capitão sobre a esposa. A posição de questionamento diante de seu par assumida pela protagonista leva a entender que esta passa de um lugar de silenciamento para uma postura que até então não era aceita para as mulheres: a de ter voz. Percebemos, portanto, que a mulher do alferes não se caracterizava como alguém preso às amarras sociais, pois, caso contrário, teria se silenciado perante a agressão.

Observamos que, na primeira parte do romance, *Os gafanhotos*, existe o desenho de momentos idealizados atribuídos ao casamento e à mulher dentro do matrimônio. Percebemos que, ao chegar precocemente em Moçambique, Evita não sabia o que a esperava nem o que estava fazendo ali, mas apenas se entregou e viveu momentos cheios de encantos, deslumbramentos e excitações ao lado de Luís Alex. Entretanto, encarou situações problemáticas a sua volta e o momento da tempestade dos gafanhotos, em que subiu ao terraço um jornalista para observar e informar a população sobre o fenômeno, que foi expulso pelo noivo.

Evita viu – embora a luz fosse esverdeada [...]. O que o noivo levava na mão como um brinquedo, era uma arma [...]. [...] ouviu-se um ruído parecido com um fósforo de metal que deflagra, [...] e a atmosfera cheirou a pólvora. Evita começou a chorar baixinho. Era maravilhoso tudo se conjugar daquela maneira. [...] felizmente que tinham decidido procurar o noivo [...], porque se chegassem meio minuto depois, [...] aquela onda [...] poderia ter levado o corpo do alferes (JORGE, 2004, p. 37-39, grifos nossos).

No excerto, percebemos que Evita se depara com o momento tenso e violento em que seu noivo toma a frente da ação. Essa cena vivenciada por ela oportuniza que a personagem sofra diante do ocorrido, pois não tinha conhecimento desse lado violento e opressor do noivo. Ao se dar conta das obscuridades e da maldade de Luís Alex, Evita começa a mudar o comportamento dentro da relação amorosa. Portanto, quando o trecho diz que há uma conjugação entre as coisas, o faz porque tudo sempre se fixava em um lugar idealizado, embora houvesse situações problemáticas.

A partir disso, observamos que Evita começa a transitar em diversos espaços em África, pois, por meio de suas sensações e vivências, entende que existem muitos enigmas por trás das mortes, bem como do que os soldados portugueses vieram explorar nesse território, inclusive do seu próprio noivo, os quais a personagem busca descobrir. A aproximação de Evita com Helena contribui bastante para a revelação dessas incógnitas. Através da amizade com essa personagem secundária, a protagonista passa a ver a verdadeira identidade do alferes Luís Alex. Também destacamos que a mulher do capitão se torna responsável pelos conflitos existenciais mais profundos de Evita. São essas conexões que fazem Evita transitar de um lugar social ingênuo e imaturo para uma personalidade muito mais consciente e madura, passando a ser chamada de Eva Lopo.

CONCLUSÃO

Ao final deste trabalho, foi possível perceber que a protagonista Eva Lopo se apresenta durante a trama como uma mulher atemporal. Nesse sentido, afirmamos que por ser caracterizada de tal forma, a personagem não consegue se enquadrar aos moldes que eram atribuídos a ela enquanto mulher em um contexto patriarcal que posicionava o homem como detentor de poder. Percebemos que ao se deparar com a verdadeira identidade de Luís, compreender o que de fato ele estaria praticando, Eva se distancia do homem, foi a partir desse reconhecimento que a protagonista começou a transgredir de um lugar inconsciente para uma posição consciente.

Dessa maneira, captamos que o casamento, bem como as ideologias contextuais foram os causadores do esfriamento da mulher, visto que a convivência matou o sentimento que Eva idealizava no noivo. Portanto, por meio das análises, percebemos que assim como as relações amorosas pode encher o sujeito de vida, também nos desengana, como é o caso da protagonista Evita, que no início do relacionamento idealizava seu objeto amoroso, criando uma imagem sublime, mas que ao final descobriu que ele não passava de um combatente fanático que apresentava prazer em fazer parte da tropa portuguesa.

REFERÊNCIAS

COVA, Anne.; PINTO, António Costa. O salazarismo e as mulheres: uma abordagem comparativa. **Penélope: Revista de História e Ciências Sociais**, [S. l.], n. 17, pp. 71-94, 1997. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2656445>. Acesso em: 15 nov. 2022.

FEDERICI, Silvia. **O Calibã e a Bruxa**. Tradução de Coletivo Sycorax. SP: Elefante, 2017.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

PRIORE, Mary del. **O príncipe maldito**: traição e loucura na família imperial. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.